



RIMA

Junho 2021

Mudança Climática e Justiça de Gênero



Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA)

“Pensando globalmente e agindo localmente”, a Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA) traz as perspectivas das mulheres e levanta questões que as afetam

<http://iawn.anglicancommunion.org>

Editorial

Arquidiácona Carole Hughes

Esta edição do boletim informativo da RIMA enfatiza fortemente a necessidade de todos os gêneros estarem envolvidos na justiça climática. Como foi escrito pela Bispa Ellinah, é o desafio do nosso tempo. A emergência climática *agrava a insegurança de mais vulneráveis, que inclui as mulheres*. Quando ocorrem tempestades e aumento do nível da água, segundo as normas sociais, é costume oferecer tratamento preferencial para homens e meninos. São as mulheres que lutam nos bastidores para colocar comida e água na mesa e restaurar as moradias. Como no artigo de Rachel Mash, há um forte apelo à ação, que inclui aumentar o número de mulheres em posições de tomada de decisão ao trabalhar com justiça e emergências climáticas e identificar mulheres jovens como *profetas do clima!* A esperança encontrada nesses artigos compreende *a terra como sagrada* e em uma visão de mundo onde *a humanidade está em relação com toda a ordem criada* (Dr. Kapyra). Exemplos de projetos proativos que estão restaurando o equilíbrio da terra incluem *as Cestas de Afeto* (Margareth Palacios), *a feira de jardim da igreja* onde produtos orgânicos e artesanatos são vendidos (Lucimeia Gall Konig), e o *projeto Costura Solidária* (Neide Castro Ramos). A justiça climática está ligada à necessidade de *restaurar a harmonia na criação* (Bispo Zac). Vamos ouvir as vozes daquelas que estão entusiasmadas e trabalham pela justiça climática e especialmente das profetas do clima. Como Vanessa Nakate diz em seu artigo, não vamos ficar em silêncio neste momento.

Arquidiácona Carole Hughes

A Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia

Presidente, Grupo de Direção da RIMA

Unindo Gênero e o Meio Ambiente

Rev. Rachel Mash

As mudanças climáticas são um problema que afeta o mundo inteiro, mas as mulheres são desproporcionalmente mais passíveis de enfrentar as consequências da crise climática global. Existem muitas razões para isso, tornando ainda mais vital que tomemos medidas sobre isso agora.

Comida

Mulheres que vivem em áreas rurais e dependem dos ecossistemas locais são mais propensas a enfrentar insegurança alimentar do que os homens. Quando as secas ou inundações afetam os preços dos alimentos, as normas sociais geralmente priorizam homens e meninos, com mulheres e meninas passando fome e comendo alimentos menos nutritivos. Quando as mulheres não podem colocar a mesma quantidade de comida na mesa devido aos preços dos alimentos ou aos custos da água engarrafada, elas correm o risco de sofrer violência doméstica. Mulheres jovens que vivem em áreas urbanas, pressionadas a enviar dinheiro para sustentar suas famílias com dificuldades, podem correr maior risco de exploração.

Terra

As mulheres cultivam e produzem a maior parte do abastecimento mundial de alimentos, mas possuem menos de 20% das terras, sem direitos iguais em mais de 90 países devido a leis que seguem tradições ou religiões, ou preconceito implícito. Elas enfrentam mais obstáculos no acesso ao mercado, capital, treinamento e tecnologias. A produtividade agrícola das mulheres agricultoras é menor devido às desigualdades no acesso a fertilizantes, pesticidas, sementes e capital. A mudança climática atinge plantações que dependem de chuva com muito mais força do que as fazendas comerciais predominantemente masculinas, com acesso à tecnologia, como irrigação por gotejamento.

Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA)

“Pensando globalmente e agindo localmente”, a Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA) traz as perspectivas das mulheres e levanta questões que as afetam à atenção da liderança da Comunhão Anglicana e ao mundo em geral. A Rede fortalece a amizade e a solidariedade entre as mulheres anglicanas em todo o mundo e busca a participação igualitária, a segurança e o bem-estar das mulheres em toda a Comunhão e em suas próprias casas e comunidades.

Contate a RIMA para assinar a nosso boletim de notícias ou para compartilhar suas histórias:

iawn@anglicancommunion.org

a/c Escritório da Comunhão Anglicana, St Andrew's House, 16 Tavistock Crescent, London W11 1AP, UK

<http://iawn.anglicancommunion.org>

Conteúdos

Editorial..	2
Unindo Gênero e o Meio Ambiente.....	2
Combatendo as mudanças climáticas....	4
Mulheres na liderança da Igreja	5
O Projeto Costura Solidária.....	6
A Exposição de Ascensão Orgânica e Cultural.....	6
Cestas de afeto.....	7
Segurança Alimentar: Gestão Comum para Redução de Conflitos Domésticos.....	7
Mudanças climáticas e o papel que podemos desempenhar.....	8
Vozes indígenas proféticas sobre a crise planetária.....	10
Que ação podemos tomar em relação ao clima e à justiça de gênero?.....	12

Água e saneamento

Em 80% das famílias sem água encanada em casa, mulheres e meninas que carregam a água. Elas são obrigadas a caminhar longas distâncias, expostas a riscos de segurança. Isso limita seu tempo para outras atividades, como trabalho remunerado ou educação. Com as mudanças climáticas rios secam e elas têm que caminhar mais, o que significa começar sua jornada no escuro. Frequentemente, as meninas não vão à escola durante o período menstrual, se não puderem ter acesso à água. Banheiros públicos as colocam em risco de assédio sexual e estupro, e banheiros não higienizados podem colocar meninas e mulheres em risco de infecção.

Combustível

60% das pessoas que morrem prematuramente devido à poluição do ar no interior das casas causada por combustíveis para cozinhar são mulheres. Frequentemente, elas são forçadas a percorrer longas distâncias em busca de lenha, correndo o risco de serem assediadas pelo caminho.

Florestas

600 milhões de mulheres dependem das florestas para manter seu sustento. As que vivem em famílias carentes de terra fértil sofrem o impacto do desmatamento em sua luta para atender às necessidades de alimentos e combustível. A maioria dos 207 defensores ambientais mortos em 2017 eram mulheres.

Mudanças Climáticas e Saúde

As mulheres costumam fazer os trabalhos agrícolas e, à medida que as temperaturas sobem, correm o risco de sofrer com insolação. Em temperaturas mais altas, as áreas que estavam livres da malária estão agora se tornando criadouros de mosquitos - e mulheres grávidas e lactantes são especialmente vulneráveis à malária. O aumento do nível do mar leva à salinidade da água, o que afeta as taxas de pré-eclâmpsia.

Pescaria

Os papéis culturais muitas vezes limitam as mulheres a apenas vender os peixes que os homens pescam. Por exemplo, na Zâmbia, as mulheres não podem remar num barco. Um estudo de HIV no Lago Vitória mostrou que quando os estoques de peixes caíam, as mulheres corriam o risco de abuso sexual para ter acesso à pesca e as taxas de HIV aumentavam.

Poluição

Mulheres grávidas e amamentando correm maior risco com a poluição. Mulheres mal remuneradas estão expostas a mais produtos químicos tóxicos e pesticidas, pois os produtos mais baratos contêm mais químicos perigosos. As mulheres estão em maior contato com a água poluída devido às tarefas de lavagem e limpeza. Quando os municípios não coletam o lixo plástico, ele normalmente é queimado pelas mulheres, expondo-as a produtos químicos tóxicos.

Desastres Naturais

Mais mulheres morrem em desastres naturais do que homens. Dos 230.000 que morreram no tsunami de 2004, dois terços eram mulheres. Por quê? - os homens estavam trabalhando - com transporte, redes sociais, em edifícios sólidos e podiam agir mais rápido. As mulheres usam roupas com as quais não conseguem correr; as meninas não são ensinadas a nadar ou subir em árvores, pois são atividades "masculinas".

As mulheres também tentam ajudar crianças, idosos e enfermos. Depois de desastres, as mulheres ficam vulneráveis ao abuso sexual em campos ou abrigos para refugiados.

No entanto, embora as mulheres corram mais riscos com as mudanças climáticas e os desafios ambientais, elas também têm a solução.

Mulheres são a Solução

Jovens mulheres ativistas do clima, como Greta Thunberg e Vanessa Nakate, de Uganda, estão sendo ouvidas em palcos internacionais. Os países com mais mulheres políticas estão adotando políticas climáticas mais eficazes. Estatisticamente, as mulheres tendem a valorizar mais a biodiversidade, usando terras e florestas para alimentos e medicamentos. Um estudo em Serra Leoa mostrou que as mulheres podem identificar 31 usos para uma determinada árvore, enquanto os homens podem identificar apenas 8. Os homens normalmente verão os recursos naturais em termos de benefícios comerciais imediatos. As mulheres verão comida, combustível, medicamentos e água potável para as próximas gerações.

Chamada para ação - o que podemos fazer?

É absolutamente vital apoiarmos nossas irmãs em risco em todo o mundo.

- Educar mulheres jovens - estudos mostram que este é um fator chave que leva a redução no tamanho da população.
- Aumentar o número de mulheres que tomam decisões - levando a mais proteção da terra e menos emissões de carbono.
- Identificar as jovens profetas do clima de nossa época e ampliar suas vozes.
- Tornar-se uma das 3,2 bilhões de soluções para os desafios ambientais atuais.
- Qual mudança você pode fazer? O que a sua igreja pode fazer?



Combatendo as mudanças climáticas

Jack Palmer-White

Este ano é crítico para o mundo agir sobre as mudanças climáticas e proteger a integridade da criação. A próxima rodada de negociações climáticas da ONU, conhecida como COP26¹, ocorrerá em novembro. Já existe um grande interesse e preparação para ela, tanto dentro da Comunhão Anglicana como em todo o mundo.

Não é exagero dizer que a integridade da criação está ameaçada e em risco de colapso. Os sistemas de vida da Terra estão sob forte pressão devido às crises triplas de mudanças climáticas, perda de biodiversidade e poluição. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) publicou recentemente seu primeiro relatório de síntese *Fazer as Pazes com a Natureza: Um Plano Científico para Enfrentar as Emergências do Clima, da Biodiversidade e da Poluição* que começa com estas palavras duras do Secretário-Geral da ONU, António Guterres:

A humanidade está travando uma guerra contra a natureza. Isso é sem sentido e suicida. As consequências de nossa imprudência já são aparentes no sofrimento humano, nas enormes perdas econômicas e na acelerada erosão da vida na Terra.

A COP climática em Glasgow será o culminar de um ano repleto de momentos globais importantes que podem ajudar a colocar nosso mundo em um caminho melhor e mais sustentável. Esses momentos incluem: O lançamento da *A década da ONU na Restauração de Ecossistemas em 5 de junho - Dia Mundial do Meio Ambiente*. Um *kit de ferramentas para a participação de líderes religiosos* na Década foi produzido pelo PNUMA e tem algumas ótimas ideias para ajudar a se envolver.

Em julho, os países farão uma revisão de seu progresso nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável relacionados ao meio ambiente. Veja aqui se seu país é um dos que estão avaliando seu progresso:

<https://sustainabledevelopment.un.org/vnrs/>

Em outubro, os Estados da ONU se reúnem para chegar a um acordo sobre uma *estrutura que terá como objetivo reverter os profundos impactos da perda de biodiversidade no mundo*. O Escritório da Comunhão Anglicana na ONU está procurando oportunidades para promover como anglicanas/os já estão apoiando esses esforços por meio de projetos de conservação e reflorestamento.

Em novembro, quando líderes mundiais se reunirem em Glasgow, haverá grande atenção do público e da mídia para suas palavras e ações. Esta COP em particular é significativa porque é a quinta reunião desde o histórico acordo climático de Paris de 2015. Como tal, é o primeiro marco programado para todas as nações aumentarem sua ambição de reduzir suas emissões de gases de efeito estufa de forma significativa. Estes são chamados de Contribuições Nacionalmente Determinadas, ou NDCs ².

É essencial entender que são as ações tomadas pelos governos e outros antes do evento - os compromissos que assumem para aumentar suas NDCs - que irão determinar o sucesso da COP26. Embora alguns países já tenham assumido compromissos mais ambiciosos, a maioria não está exibindo o ímpeto necessário para alcançar a verdadeira justiça climática. **A defesa mais significativa e urgente que podemos realizar na Comunhão antes da COP é com os nossos próprios governos nacionais, convocando-os a assumir compromissos mais substanciais para reduzir as emissões de gases de efeito estufa.**

As NDCs (e os Planos Nacionais de Adaptação associados) também são uma oportunidade significativa para os Estados demonstrarem que estão comprometidos com a redução de suas emissões de um modo que preserve a justiça de gênero. O acordo climático de Paris exige que os estados “respeitem, promovam e considerem” a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres ao tomarem medidas para lidar com as mudanças climáticas. **Além de pedir aos governos que assumam compromissos ambiciosos na redução de emissões, também podemos incentivá-los a estabelecer detalhes de como eles farão isso de uma maneira 'sensível ao gênero'.**

Finalmente, a política climática deve ser desenvolvida por meio da participação igual de mulheres e homens. A estrutura de trabalho Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (o secretariado que apoia todo esse trabalho) reconhece que “as mulheres podem (e exercem) um papel crítico em resposta às mudanças climáticas devido ao seu conhecimento local e liderança”. “Se as políticas ou projetos forem implementados sem a participação significativa das mulheres, isso pode aumentar as desigualdades existentes e diminuir sua eficácia.” **Peça a seus/suas representantes locais, regionais e nacionais para defenderem a representação plena e igualitária das mulheres em lideranças e na tomada de decisões em políticas ambientais e climáticas. Descubra quem estará negociando em nome de seu país na COP26 - a delegação é equilibrada em termos de gênero? Caso contrário, incentive seus/suas líderes políticos a defenderem uma equipe de negociação com equilíbrio de gênero.**

1. COP significa "Conferência das Partes". A COP é o órgão supremo de tomada de decisão da Estrutura de Trabalho Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). Todos os Estados que são parte da Convenção estão representados na COP. Eles revisam a implementação da Convenção e avaliam os efeitos das medidas tomadas pelas Partes e o progresso feito para alcançar o objetivo final da Convenção.
2. As Contribuições Nacionalmente Determinadas incorporam os esforços de cada país para reduzir as emissões nacionais de efeito estufa e se adaptar aos impactos das mudanças climáticas. Juntas, essas ações climáticas determinam se o mundo alcançará as metas de longo prazo do Acordo de Paris.

Mulheres nas lideranças da Igreja

Rhine Toby Koloti

Os Números estão falando: a falta de mulheres no episcopado molda o ministério e chama a igreja para estender e transformar seu ministério.

No início de janeiro de 2021, o escritório provincial da Igreja Anglicana da África Austral anunciou a lista oficial de nomes dos indicados como candidatos episcopais para as próximas Assembleias Eletivas a serem realizadas nas dioceses de Lesoto, Zululândia, Kimberly e Kuruman, e Natal. O número total de candidatos foi o seguinte: **4 Assembleias Eletivas, 19 Candidatos e uma mulher.** Apesar dos esforços vigorosos feitos na recente sessão do Comitê Permanente Provincial (CPP) de 2020 para defender e melhorar a representação das mulheres nas estruturas de liderança da igreja - em parte, para abordar questões que afetam as mulheres na igreja, como o patriarcado e a Violência Baseada em Gênero, com mais urgência. Um trecho da moção que foi aprovada na sessão do CPP de 2020 é o seguinte:

Este CPP apela ao Sínodo dos Bispos e Dioceses para encorajar que, onde houver vagas de bispado, que as comissões da Assembleia Eletiva, em oração e intencionalmente, busquem em toda extensão da Província para encontrar clérigas mulheres nomeadas que se encaixem no perfil para consideração ao bispado.

Este evento foi um doloroso lembrete das maneiras pelas quais as “economias de violência” têm e continuam a sustentar a indignidade, exclusão e pobreza que as mulheres na igreja experimentam de forma desproporcional. Por um lado, políticas, moções, resoluções e leis estão se mostrando mais uma vez inadequadas para oferecer igualdade de gênero na igreja. Por outro lado, a falta de ação de pessoas “de bem” continua a permitir a cultura crescente de oprimir as mulheres e *Gaslighting* (manipulação psicológica) aquelas que tentam defender a liderança das mulheres na igreja. Assim, está se tornando fútil imaginar e teoricamente defender a liderança das mulheres na igreja, ignorando a cultura institucional patriarcal e os discursos teológicos que discriminam as mulheres.

A Federação de Estudantes Anglicanos (ASF) é a única ala provincial da Igreja Anglicana da África Austral (ACSA). É a presença da Igreja Anglicana em mais de 30 Universidades da ACSA, ministrando a estudantes universitários na Namíbia, Lesoto, Moçambique, Angola, eSwatini (anteriormente conhecida como Suazilândia) e África do Sul. À luz das questões de justiça de gênero mencionadas acima, o escritório de Educação e Transformação de Gênero da federação tem realizado seminários online mensais e conversas para abordar as duas principais economias de violência contra as mulheres na igreja, ou seja, violência baseada em gênero e exclusão de mulheres de papéis de liderança na igreja. Essas conversas servem como uma plataforma onde jovens anglicanos podem se reunir e confrontar os padrões malignos e pecaminosos do patriarcado, misoginia, atitudes e discursos heteronormativos e androcêntricos que servem como solo fértil para a inseminação e sustento da superioridade masculina e, por fim, perpetuar a violência baseada em gênero.

Concluindo, desejo chamar a atenção e encorajar nossos aliados e colegas ativistas pela justiça de gênero ao redor do mundo a lembrar que se você “Der um peixe a um homem o alimentará por um dia, mas se você ensinar um homem a pescar, você vai alimentá-lo por toda a vida.” (desconhecido)

Deixo este provérbio como desconhecido porque sua origem é altamente contestada na literatura; no entanto, muitas vezes é recebido positivamente como um princípio geral para aliviar a pobreza, facilitando a autossuficiência em vez da dependência instantânea. No entanto, gostaria de acrescentar uma linha a este provérbio, uma linha que melhor reflete o status quo da África do Sul pós-1994¹: “Dê ao homem um peixe e ele se alimentará por um dia. Ensine um homem a pescar e ele se alimentará por toda a vida, **mas lembre-se de remover as placas de ‘Proibido pescar!’**” Da mesma forma, podemos ir além de aprovar resoluções, políticas, moções, etc., ao abordar a violência baseada em gênero. Em vez disso, que possamos nos arrepender “do patriarcado histórico de sua fé, que tantas vezes é conivente com atitudes discriminatórias em nossa cultura”. (Arcebispo Njongonkulu Ndungane, 2005).

1. Uso intencionalmente o termo "pós-1994" em oposição a "pós-apartheid" como uma forma de denunciar profeticamente o equívoco de que o apartheid na África do Sul acabou. O sistema de apartheid foi realmente abolido politicamente, mas social e economicamente, a maioria negra ainda sofre desproporcionalmente.

TOBY KOLOTI
CONVENOR

ANGELICAN STUDENTS FEDERATION
IN CONVERSATION WITH
REV. CANON DR. VICENTIA KGABE

While media attention seems to suggest that gender-based violence (GBV) is predominantly a secular 'scourge' that is somehow committed by immoral monsters and strangers in society, the recent #ChurchToo movement suggests otherwise. For example, several cases of GBV in the Anglican Church of Southern Africa which have come to the fore since 2018 indicates how serious the problem is within the church. As an organization within the church, we have observed that GBV in the church is not only prevalent but on the increase, therefore, we saw it befitting to host a courageous conversation between the Rector of the College of Transfiguration and ASFOC students in and across ACSA, in an effort to better understand the ways in which our church is complicit in the gendered abuse of its congregants and to further establish how we as students can play a role in eradicating this global pandemic.

ASF
SOUTH AFRICAN STUDENTS FEDERATION

VIA ZOOM ID: 914 6815 7815
PASSWORD: REQUEST FROM REGIONAL CHAIRPERSONS

Rhine Toby Koloti é a oficial de Educação de Gênero e Transformação da Federação de Estudantes Anglicanos na Igreja Anglicana da África Austral, Diocese de Saldanha Bay.

O Projeto Costura Solidária

Neide Castro Ramos



Pandemias e epidemias que afetam a humanidade geralmente têm fatores ambientais a serem considerados. O confinamento e a reprodução de animais para consumo alimentar já foram responsáveis pelo surgimento de pandemias anteriores. A pressão da expansão urbana e agrária sobre os ambientes naturais e as mudanças climáticas têm acelerado a perda de habitats, aumentando assim a frequência de contato entre humanos e animais selvagens. Algumas espécies são hospedeiros depositários de vírus potenciais aos quais ainda não fomos expostos. Quanto maior for a escala de reprodução de animais confinados e quanto maior for a pressão sobre os ambientes naturais, maior será a probabilidade de surgirem novas epidemias.

O projeto Costura Solidária teve início durante a pandemia do Coronavírus que atingiu o Brasil em 2020. No início da pandemia, faltavam máscaras cirúrgicas, que são de grande importância na prevenção da transmissão do vírus. O Ministério da Saúde alertou que, na ausência de máscaras industrializadas, devem ser utilizadas máscaras de tecido, que podem ser feitas à mão. Com a colaboração e orientação da Prefeitura Municipal, várias costureiras voluntárias e eu começamos a confeccionar máscaras seguindo protocolos de higiene e saúde.

Juntas, fomos responsáveis pela produção de cerca de 10.000 máscaras distribuídas à população.

Este relatório visa dar uma pequena contribuição para a luta das mulheres pelo reconhecimento diante de uma realidade que, ainda hoje, desvaloriza o trabalho feminino. Além do crochê, me dedico à costura e, por meio dela, tive a oportunidade de ajudar muitas pessoas e instituições. Tudo começou na minha casa em 1975, quando fiz um curso de costura e comprei minha primeira máquina de costura Singer um ano depois. Desde então, nunca mais parei; Já fiz dezenas de vestidos para presente numa época em que precisava de muito mais tecido para fazer os muitos babados. Fiz vestidos de noiva, vestimentas sacerdotais para padres, enxovais para bebês de famílias carentes, bonécas de pano, uniformes e ajudei a fazer fantasias para teatro em diferentes cidades.

Meu legado é baseado em meu trabalho e habilidades como artesã e costureira, e tenho me esforçado para ensinar qualquer pessoa que queira aprender. Isso permite que as habilidades do artesanato fiquem na memória das peças já feitas e como meio de viver para outras mulheres que, como eu e, antes de mim, minha mãe, fizeram deste trabalho o seu sustento e dignidade

Neide tem 83 anos, nasceu em Butiá/RS, filha de Olga Dunchat, alemã, e de Carlos Brum Castro, um negro. Ela passa a maior parte do tempo fazendo crochê, costura ou outros trabalhos manuais. Com o marido, Onofre Machado Ramos, já falecido, tem oito filhos. São uma família anglicana, e ela não pode falar de sua trajetória como artesã sem falar dos movimentos dos quais participa e da igreja, onde se relaciona com outras mulheres mais jovens ou da sua idade, sempre levando uma mensagem de apreço pela presença feminina em todos os espaços. Sua mãe ficou viúva quando ela tinha nove anos e teve cinco filhas. Ciente de sua condição desfavorável na sociedade como mulher e sozinha no sustento do lar, sua mãe ensinou as filhas a trabalhar e garantir seu sustento desde cedo. Dedicava-se ao crochê nas poucas horas de folga que tinha, tecendo com maestria lindas peças que vendia para reforçar seu orçamento. Com o tempo, também aprenderam a fazer crochê, os olhos de Neide não a ajudam mais, mas Deus ainda permite que ela faça colchas, guardanapos, toalhas e até roupas. Infelizmente, ela acredita que os milhares de metros que trançou ao longo de mais de 60 anos de crochê serão a única lembrança dessa atividade artesanal.

A Exposição de Ascensão Orgânica e Cultural

Luciméia Gall König

A Exposição de Ascensão Orgânica e Cultural é desenvolvida na Paróquia da Ascensão, Diocese do Sul. No jardim da Igreja é montada uma feira onde se vendem produtos orgânicos e artesanato. O evento acontece todas as quartas-feiras, das 9h às 13h. Quando a legislação municipal permitiu, ela continuou a ser realizada durante a pandemia, por ser uma atividade a céu aberto. A Feira faz parte da Pastoral Eco-Saúde da Diocese do Sul. Além da disponibilidade de produtos orgânicos, muitos dos quais cultivados localmente, permite um momento de convivência e troca de experiências entre comerciantes e clientes em um espaço ecológico. O que é bom para a saúde é oferecido: alimentos orgânicos, artesanato, obras de arte, música e espiritualidade.



Luciméia é uma liderança feminina nascida em São Pedro do Sul, pequeno município da região central do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente trabalha na Paróquia da Ascensão ao lado do marido, Rev. Pilato Pereira em Porto Alegre, RS. É instrutora de LIBRAS e Diretora da Escola Estadual Especial Padre Reus, escola da rede estadual do RS, que é referência na educação de surdos e deficientes auditivos há 58 anos.

Cestas de afeto

Margareth Palacios



A Paróquia do Redentor, no bairro Cidade Baixa, próximo ao centro de Porto Alegre, está localizada em uma área central densamente povoada, ocupada principalmente por prédios sem um grande pátio a céu aberto. No entanto, no pequeno corredor junto ao salão paroquial, está sendo desenvolvido um projeto de cultivo de mudas de ervas medicinais, especiarias e chás. A irrigação é feita com o aproveitamento da água da chuva recolhida na cobertura da igreja e do salão paroquial. Uma caixa de compostagem também foi instalada no local.

Isso permite o processamento e reaproveitamento dos resíduos orgânicos gerados, dando origem ao composto orgânico utilizado no cultivo da horta. Este Jardim Urbano é um extensão ecológica do Projeto Cestas de Afeto. A Cesta do Afeto é um projeto de arrecadação e doação de alimentos, materiais de higiene e livros à população carente da Região Metropolitana de Porto Alegre, desenvolvido em parceria com o Movimento dos Trabalhadoras e Trabalhadores pelos Direitos (MTD). O MTD é um movimento que visa a formação política e transformação social e luta por um projeto popular para o Brasil. Dessa forma, a Paróquia do Redentor, que é um dos pontos de arrecadação de produtos para doação, passou a adicionar as mudas de ervas medicinais, especiarias e chás produzidos localmente e de forma sustentável nas cestas a serem doadas, agregando educação ambiental e sustentabilidade ao projeto social.

No link <https://www.facebook.com/rev.pauloduarte/videos/3378175518904489/> está disponível um vídeo onde o Rev. Paulo e a Professora Margareth demonstram o desenvolvimento da horta urbana e do sistema de captação de água da chuva.

Margareth Palacios é professora da rede estadual há 30 anos, atualmente atuando como Coordenadora Pedagógica da Escola Prudente de Moraes, no município de Osório, RS.

Segurança Alimentar: Gestão Comum para Redução de Conflitos Domésticos

Guy Nasasagare

A colheita no Burundi sempre foi associada à alegria. Às vezes, se torna uma fonte de conflito nas famílias devido à má gestão ou uso indevido. Em Makamba, como em algumas outras partes do país, os/as agricultores/as testemunham que uma boa colheita é um dos indicadores de bem-estar porque é a principal fonte de renda para muitas pessoas. Eles/as também confirmam que não é fácil para algumas pessoas tornar a colheita mais lucrativa porque alguns a usam indevidamente e, em vez de aproveitar o resultado de seus esforços, surgem conflitos.

Eric, um agricultor que vive na parte sul do Burundi em Makamba, pratica a agricultura tradicional há muitos anos, o que sempre resultou em baixa produção e pouco impacto para a sua família.

Há três anos, a Igreja Anglicana do Burundi, em colaboração com a Ajuda Episcopal e Desenvolvimento, iniciou uma nova abordagem para o desenvolvimento por meio de um Programa Integrado que cobre alguns elementos básicos como resiliência climática, segurança alimentar, promoção da saúde comunitária e luta contra a violência de gênero.

Eric participou do programa e aprendeu algumas habilidades que vem praticando e, de acordo com sua



experiência, trouxe uma mudança óbvia. Por exemplo, as técnicas agrícolas modernas permitiram que agricultores como ele aumentassem a produção que obtêm do mesmo campo a cada temporada. Ele enfatizou que o aumento da colheita permitiu que as famílias melhorassem suas condições de vida, mas às vezes também resultou em conflitos domésticos porque as safras colhidas não foram usadas para fins de desenvolvimento. Eric diz que esse tipo de conflito se deve à falta de armazenamento e gerenciamento comuns da colheita. “É fácil para o marido vender uma quantidade da colheita quando precisa de uma bebida. As mulheres acabam se opondo a ele por usar os recursos sem fins lucrativos e surge o conflito”, diz ele. Por meio do Programa Integrado, os agricultores de Nyankara, em Makamba, decidiram resolver essas questões iniciando um hangar comum para a colheita produzida localmente. A Cooperativa que está investindo na agricultura armazenará suas safras sob uma gestão estruturada comum. Segundo os cooperados, esta gestão comum reduzirá os conflitos internos, pois fixará o preço dos produtos e os agricultores terão lucro, pois a associação negociará o melhor preço e ficará encarregada de encontrar um bom mercado para os produtos.

SOLIDARIEDADE

Pela Vida. Contra a Carestia.

Apoie o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos:
Ajude Famílias durante a CRISE do Covid. DOE!

Para Doações em Dinheiro	Para Doações de Alimentos
Titular da Conta: Associação Estadual Carlos Dorneles CNPJ: 04.674.671/0001-99	Paróquia do Redentor - IEAB - Diocese Meridional Rua José do Patrocínio, 570 - Cidade Baixa, Porto Alegre - RS
Banco: Banrisul (041)	
Agência: 0839	Quartas das 16h às 19h
Conta Corrente: 06.160133.0-4	Sábado das 10h às 16h

Mais informações em [Facebook.com/MTDRioGrandedoSul](https://www.facebook.com/MTDRioGrandedoSul)

Mudança climática e o papel que podemos desempenhar

Gabrielle Boyd

Salmos 104.25 *“Ali está o mar imenso, enorme, onde vivem animais pequenos e grandes, tantos, que não podem ser contados”*

As mudanças climáticas e o papel que desempenhamos nesta situação global em deterioração é uma questão muito importante. Estou muito feliz em ver a Rede Internacional de Mulheres Anglicanas tornando isso o foco do mês.

O modo como, consciente e inconscientemente, contribuimos para o aquecimento global pode ser muito devastador. Uma das melhores abordagens é fazer o que esta rede está fazendo e lidar com isso como um grupo. Pode ser um caminho aparentemente solitário e fútil tentar limitar sua pegada de carbono e sentir que você é apenas um esforço muito pequeno e insignificante, mas como um grupo, você sabe que seus esforços combinados farão e fazem a diferença. Existem também muitos estudos bíblicos fantásticos e práticos disponíveis se você quiser combinar sua fé e comunhão com o combate às Mudanças Climáticas. Seu próprio país terá estudos aplicáveis à sua região e cultura. Você pode compartilhar ideias e abordagens que disponibilizam mais ferramentas para o cuidado ambiental. Idealmente, se você está tendo um mês com foco nas mudanças climáticas, não deve ser algo que tratamos por apenas quatro semanas (não como sua meta de Quaresma Sem Chocolate), mas ao invés disso, você passará este mês aprendendo mudanças de estilo de vida que se tornarão permanentes. As mudanças climáticas não são um evento de um mês, então nem a sua resposta a isso deve ser.

As mudanças climáticas são uma fera grande e complicada. Entre suas causas e efeitos vêm os nomes de outras preocupações ambientais com as quais você sem dúvida está familiarizado - como poluição por plásticos, poluição da água e do ar, métodos agrícolas tóxicos e extinções em massa. Todos esses são conceitos tenebrosos, mas tente resolver qualquer uma dessas questões e você também enfrentará a sombra iminente das Mudanças Climáticas. As Empresas petrolíferas internacionais (Big Oil) são um grande contribuidor para a mudança climática e, como todo plástico é feito de derivados de petróleo, são os demônios por trás da poluição do plástico.

Portanto, ao enfrentar as mudanças climáticas e o que você pode fazer a respeito, a poluição por plásticos é um ótimo lugar para começar. Não apenas porque você vê rapidamente uma mudança tangível na quantidade de resíduos de plástico que está produzindo, mas requer apenas que você faça uma mudança nos hábitos de compra. Em contraste, algum outro enfoque nas Mudanças Climáticas fará com que você altere sua dieta ou meio de transporte. Todas essas são ótimas coisas para fazer, mas reduzir o plástico é uma das introduções mais fáceis para fazer a diferença ambiental. Com o tempo você pode fazer escolhas para hábitos alimentares mais sustentáveis e o uso de carros elétricos. Ao reduzir sua dependência do plástico, você deixa de empoderar os produtores de embalagens plásticas, que citam a demanda e a expectativa do público como motivo para continuar a produção. Existem 20 empresas no mundo que fabricam a maioria dos itens plásticos descartáveis. Pare de usar os produtos deles e estará ajudando o planeta.

Venho de uma família que transita internacionalmente conforme o trabalho exige, e minha paróquia atual é a Catedral Anglicana em Montreal, Quebec. A congregação é muito motivada em ajudar o meio ambiente e tem sido muito receptiva a uma série de apresentações comunitárias que fiz sobre como limitar sua dependência de plástico. Ao educar as pessoas sobre esse assunto, geralmente fico surpresa ao ver como poucas pessoas realmente entendem o impacto ambiental que o plástico e a produção de plástico têm. A maioria das pessoas, e esta parece uma perspectiva global, pensa nisso como um problema estético, "a praia parece uma bagunça", mas a aparência é o menor dos problemas com relação ao plásticos na Terra. As pessoas podem não saber por que e como o plástico mata a vida marinha. Elas podem não saber que o plástico é um resíduo permanente, nunca se decompõe em uma substância inofensiva. Elas podem não perceber que muitos animais marinhos e humanos têm plástico em seus organismos ou que a produção de plástico aumenta os gases de efeito estufa na atmosfera. Nem todo mundo está ciente de como a



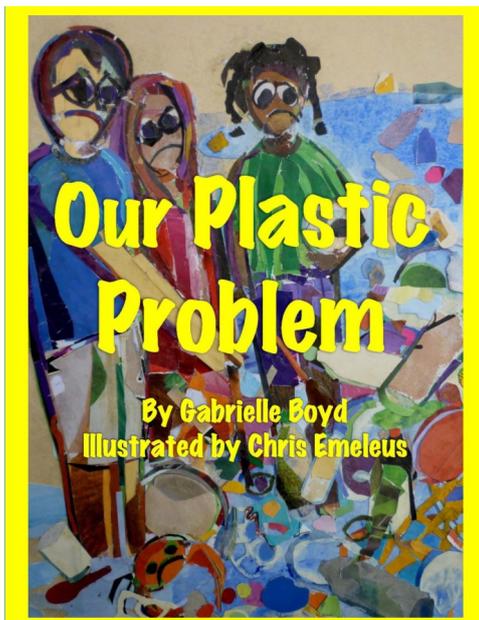
morte dos oceanos, e infelizmente eles estão morrendo, está ligada ao resfriamento e aquecimento do planeta, ao derretimento dos polos e, portanto, à inundação da terra - trazendo-nos de volta ao nosso tópico das Mudanças Climáticas.

Infelizmente, se você reciclar todo o seu plástico zelosamente pensando que essa é uma abordagem ambiental correta, essa é uma ilusão que deve acabar. Uma quantidade mínima de plástico é reciclado com sucesso, apenas 1%. A bela seta de reciclagem e o número que você procura na embalagem são completamente enganosos. Muitos de nós acreditam que uma imagem de flechas em círculo constante representa simbolicamente a reciclagem - parece que deveria. Na realidade, este símbolo indica a composição do material e não sua reciclabilidade. Quantas pessoas acreditam que esse símbolo é sinônimo de reciclagem? É apenas mais uma estratégia para fazer com que o público pense que existe um destino

ambientalmente correto para seus resíduos plásticos. A reciclagem não pode ser sua resposta à poluição por plástico.

Se você gostaria de alguma orientação para tornar a redução do plástico seu foco neste mês, aqui está um livro de recursos (em formato infantil, mas também educacional para adultos) sobre Poluição por Plástico. Olhando através da obra de arte, que são colagens feitas de materiais reciclados e criadas pelo artista anglicano Chris Emeleus, você verá objetos de plástico reconhecíveis que ajudam leitores e ouvintes a reconhecer sua parte neste problema ambiental destrutivo. Este livro é uma introdução básica - mas um bom lugar para começar. Leia-o em família, visto que diferentes membros da família têm diferentes usos de plástico. Pegue algumas ideias de redução de plástico (tenho certeza que muitos de vocês já fazem muitas das sugestões) e saia às compras com uma melhor compreensão do problema e maneiras de gerenciá-lo. Considere a manteiga de amendoim no pote de vidro em vez do pote de plástico, use um pano de cera de abelha, não use plástico filme para comida, e vá em feiras de pequenos produtores para comprar frutas e vegetais não embalados. Experimente uma maçã orgânica em vez de um pirulito embrulhado em plástico para as crianças, ah - e nada de garrafas de água de plástico. A terra realmente apreciará seus esforços. Então, boa sorte com suas ações contra Mudanças Climáticas e lembre-se de que você não precisa gritar e reclamar em cima de um palco sobre crimes ambientais para fazer a diferença. Você pode realizar a mesma mudança liderando pelo exemplo e encorajando outros - para que assim o Salmo 104. 25 continue sendo uma descrição precisa de nossos mares!

Se o livro te interessa, procure na Amazon.com por *Our Plastic Problem* by Gabrielle Boyd and illustrated by Chris Emeleus.



Vozes indígenas proféticas sobre a crise planetária

Neste vídeo, ouvimos vozes proféticas indígenas da África que fazem parte da Comunhão Anglicana. Uma voz é a da Bispa Ellinah Wamukoya (Diocese da Suazilândia).

<https://www.youtube.com/watch?v=nn8mG2uvzRk> (Minuto 6:06 – 17:28)



Bispa Ellinah Ntfombi Wamukoya se tornou a primeira mulher bispa da Igreja Anglicana na África em 2012.

Anteriormente, ela foi secretária da cidade de Manzini, o centro comercial de eSwatini, tendo atuado anteriormente como planejadora da cidade. Ela tinha mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Ela tinha uma história de serviço em escritórios e organizações comunitárias e um longo envolvimento com a Diocese Anglicana da Suazilândia. Ela foi ordenada reverenda em 2005. Na época em que foi eleita bispa, ela era capelã anglicana da Universidade de eSwatini. Em sua diocese, a Província da África Austral e a Comunhão Anglicana, a Bispa Ellinah era amplamente conhecida por sua defesa da integridade da criação. Ela foi o bispa liaison para o meio ambiente na Província da África Austral. Em 2016, ela foi nomeada pela BBC em Londres como uma das 100 mulheres mais inspiradoras e influentes do mundo. Ela faleceu em janeiro de 2021 vítima da Covid-19.

Abaixo está a transcrição de sua palestra:

A mudança climática é uma realidade para os povos indígenas da África. É uma questão ambiental e de desenvolvimento proeminente. É o desafio do nosso tempo. Isso agrava a insegurança das populações mais vulneráveis, incluindo as mulheres. Um dos maiores desafios é a segurança hídrica. 46% da população rural não tem acesso a água potável. É comum que as pessoas, especialmente as mulheres, percorram longas distâncias para buscar água potável e, em alguns casos, compartilham os recursos hídricos com o gado. De uma experiência pessoal, costumávamos vir da escola por volta das 16 horas, pegar algo pequeno para comer e às vezes você estaria comendo enquanto ia buscar água, caminhar por 3 km carregando um recipiente de 20 litros. Não era como se você fosse pegar a água e voltar, ainda tinha que chegar lá e fazer fila porque enterramos uma lata de 20 litros no chão e a água vazava. Portanto, você teria que fazer fila e esperar a sua vez. Quando você voltava do rio, já tinha passado das 18 horas. Lembro-me de uma vez que minha avó veio me procurar porque estava preocupada se havia algo de errado. E às vezes você fazia todo o caminho e então escorregava derrubando a água, você pode imaginar a dor que vem com isso. Com base na história que acabamos de contar, além dos riscos à saúde, as mulheres perdem muito tempo caminhando até as fontes de água em vez de participar de atividades econômicas lucrativas. E, claro, quando você volta, já é bem depois das seis. A essa altura, você vai para cozinhar e, para meninas como eu, você descobrirá que terá muito pouco tempo para estudar, porque quando terminar de cozinhar, comer o jantar e lavar os pratos, já estará cansado. Na estação seca os rios já estão secos e elas têm que cavar na areia para chegar até a água.

A segurança alimentar nos países da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) é um problema devido à seca persistente, ciclones consecutivos e inundações. As plantações que dependem da chuva são as que mais sofrem. Lembro-me também de uma vez com minha mãe que tivemos que caminhar 20 quilômetros para ir em busca de milho para voltar e moer. Encontramos o milho e voltando tínhamos que carregar uma sacola de 20 kg. Então eu acordava de manhã para moer nos moleiros e pelo menos tomar café da manhã antes de ir para a escola. Imagine para mim e minha mãe que fazíamos uma caminhada de 30 a 40 km. Imagine acordar de manhã ainda cansado, para ir ao moleiro que fica a cerca de 2 km para ter certeza de que tem comida em casa para comer. Mais uma vez, são frequentemente as meninas que abandonam a escola para trabalhar e alimentar suas famílias. O banco de desenvolvimento africano relata que as mulheres dependem fortemente de meios de subsistência relacionados com o meio ambiente.

Mas as secas frequentes tiveram um impacto devastador sobre eles. Enquanto seus homens estão procurando emprego, mulheres e meninas em épocas de seca geralmente são as últimas a comer. As primeiras a pular refeições, às vezes, elas podem pular refeições um ou dois dias para que as crianças possam comer. Esta é uma realidade que vivi por mim mesma. Uma vez voltamos da escola e minha mãe disse -Estou cansada. Achamos que ela estava brincando, mas ela não estava e pela primeira vez na minha vida dormi sem comida na barriga. No dia seguinte ela acordou e foi procurar milho e trouxe para casa e pudemos levar para os moleiros e depois fazer uma refeição. As mudanças climáticas reduziram muito o fluxo de alguns rios em até 40%.

Para citar a avó Josephine Mandamin “Água é vida e as mulheres dão a vida”. Portanto, é uma responsabilidade tradicionalmente reconhecida das mulheres cuidar do que é necessário para a vida. Mulheres carregam água, indicando que cuidam da água e carregam vida dentro de si. Imagine que todos nós viemos do útero de nossas mães e estivemos na água durante os 9 meses que estivemos nele. A água da mãe Terra carrega vida para nós. Como mulheres, carregamos vida através de nossos corpos. Portanto, nós, como mulheres, damos a vida e somos protetoras da água e é por isso que é importante para nós que a Mãe Terra receba o respeito que ela merece .

Os processos do colonialismo, patriarcais e tradicionais, a educação ocidental e as economias capitalistas resultaram em homens sendo alfabetizados e encontrando empregos de “colarinho branco” mais rápido do que as mulheres, forçando-as a permanecer nas áreas rurais fornecendo às famílias água e combustível, lenha para aquecimento da casa e para cozinhar. Por serem aquelas afetadas pela crise hídrica, as mulheres estão levantando suas vozes para os mecanismos aplicados para apoiar e empoderar as mulheres indígenas em seu papel como administradoras de água e para fazer parte ou liderar o diálogo de governança da água para superar esses desafios.

Uma mulher no Quênia refere-se a si mesma como agricultora, local sagrado, zeladora de sementes e recuperadora de memórias em sua comunidade no condado de Tharaka, no centro do Quênia. Ela tem trabalhado para recuperar a memória das sementes indígenas e tem trabalhado para encontrar mulheres idosas em aldeias do interior para recuperar variedades de sorgo, painço e feijão-caupi. Essas safras são nativas da África, mas seu consumo diminuiu. A necessidade de dinheiro para pagar impostos e taxas escolares obriga a adoção de safras estrangeiras, como milho e outras. As crenças cristãs resultaram na redução da produção de safras como o milho, por serem utilizadas em rituais indígenas. A globalização e a urbanização causaram uma mudança na alimentação indígena. O governo encorajou a produção de arroz, trigo, milho, que são propensos à volatilidade dos preços globais. As forças da crise climática estão deixando as mulheres indígenas mais pobres. Esses fatores combinados enfraqueceram a resiliência dos povos indígenas para responder às mudanças climáticas, criando uma crise ecológica e cultural. Moradores próximos ao rio Katita, em Tharaka, têm experimentado anos consecutivos de pouca chuva e dificuldades de acesso à água. Forçados a cultivar sementes híbridas usando fertilizantes, eles os deixaram mais pobres, pois quando você não usa o fertilizante o rendimento não será tão bom quanto quando você os usa. Sempre que as mulheres indígenas se encontravam, elas traziam sementes indígenas resistentes às condições climáticas para compartilhar. As sementes são propriedade exclusiva das mulheres em Tharaka. As mulheres selecionam as sementes antes de colher, as classificam de acordo com as características desejadas e fornecem sementes para os rituais. Restaurar o conhecimento e as práticas das mulheres significará menos dependência de sementes híbridas que não podem ser usadas em cerimônias indígenas. Sementes que precisam ser compradas a cada temporada não são resistentes às mudanças climáticas. Esta crise climática que está afetando a pobreza das pessoas e piorando os níveis de desigualdade e resultando no aumento das taxas de desnutrição deve ser enfrentada para libertar as mulheres e crianças que são sempre atingidas primeiro. Diz Nyagwa. Eu agradeço.



Que ação podemos tomar em relação ao clima e à justiça de gênero?

Mandy Marshall – Diretora de Justiça de Gênero, Escritório da Comunhão Anglicana

Mudanças climáticas e justiça de gênero podem parecer questões enormes que parecem tão complexas de superar que é difícil saber por onde começar e que ação tomar. E ainda é preciso que cada um de nós faça pequenas mudanças, usando nossas habilidades, experiências e conhecimentos para levantar nossas vozes, falar, não desistir, para modelar a mudança, para que ela faça uma diferença real. Você nunca sabe quem está observando você e as mudanças que você está fazendo que podem encorajar outras pessoas em sua igreja, sua comunidade e até mesmo aqueles que estão no poder a fazer mudanças também.

Aqui estão algumas idéias:

1. Modele você mesmo a mudança - cultive seus próprios vegetais, use fertilizantes orgânicos, reduza a quantidade de desperdício de alimentos, compartilhe alimentos com outras pessoas, faça compostagem de qualquer desperdício de comida.
2. Implemente os 5 Rs em torno do seu ambiente - reduza, reutilize, recicle, reintegre e recupere.
3. Se você tem um carro, o use menos e vá de transporte público ou ande mais de bicicleta.
4. Descubra quem são os representantes do seu governo e faça pressão para que eles mudem antes da Assembleia do Meio Ambiente da ONU em fevereiro de 2022.
5. Junte-se a cooperativas e programas de compartilhamento de alimentos, plante uma shamba ou um lote.
6. Compartilhe o que tem com outras pessoas, para que não tenham que comprar coisas novas.
7. Eduque as meninas e as mantenha na escola. A educação de meninas está diretamente ligada ao aumento da sustentabilidade em muitas áreas da vida.
8. Considere o tamanho da família que você deseja e o impacto no meio ambiente.
9. Candidate-se a eleições a nível local e envolva-se na tomada de decisões na sua comunidade. Considere candidatar-se a cargos públicos para fazer mudanças maiores.
10. Não desista! Cada mudança faz a diferença.

Ser a mudança e permitir que outros vejam a diferença que isso pode causar é uma das melhores coisas que podemos fazer. Incentiva outras pessoas a começarem a fazer pequenas mudanças em suas próprias vidas. Obrigado por fazer sua parte para deter e reverter a mudança climática e a injustiça de gênero.

Leituras adicionais e recursos:

Página da Aliança Anglicana do Clima [Climate - Anglican Alliance](#)

Rede Ambiental da Comunhão Anglicana (ACEN) <https://acen.anglicancommunion.org>

<https://www.facebook.com/GreenAnglicans>

Boletim da IAFN sobre famílias e emergência climática

[IAFN-newsletter-March-2020-Climate-FINAL.pdf \(anglicancommunion.org\)](#)

Passo a Passo 59 da Tearfund sobre Poluição e maneiras práticas de reduzir, reutilizar e reciclar [fs59.pdf](#)

[\(tearfund.org\)](#)

The Burning Question - uma análise aprofundada do uso de plástico pelas empresas [2020-tearfund-the-burning-question-en.pdf](#)

UNEA [Fifth session of the United Nations Environment Assembly | Environment Assembly \(unep.org\)](#)

